

ISSO em letras maiúsculas

Jean Bertrand Pontalis

Este ensaio examina as contribuições de Kant, Schopenhauer e Nietzsche para a primeira tópica freudiana. O *isso* da segunda tópica se faz sentir na clínica por impressões e percepções, mais do que por representações.

“**P**arece haver contradição em termos representações das quais, no entanto, não temos consciência. Como saber, efetivamente, que temos tais representações, se delas não estamos conscientes?”

Será esta a objeção que Freud se formula no artigo metapsicológico de 1915? Não: vocês a encontrarão na *Antropologia* de Kant (1798)¹.

“Que o campo das representações obscuras no homem seja imenso, que, por assim dizer, sobre o grande mapa de espírito apenas alguns lugares sejam iluminados – eis aí algo que pode nos inspirar grande admiração a propósito de nós mesmos. O campo das representações obscuras é, no homem, o mais extenso.”

É Freud quem fala, lançando a inquietação no auditório das *Conferências de Introdução à Psicanálise*, composto de adeptos de uma psicologia acadêmica que

assimila o psíquico e o consciente? Não: Kant de novo, antecipando com esta referência ao “grande mapa de nosso espírito” certa tópica subjetiva, ou melhor ainda – forçando um pouco o traço – invocando o *Aufklärer*, o esclarecedor² suficientemente audacioso, o bastante para iluminar toda esta “metade do mundo” que permaneceu até então opaca. “Bastaria”, escreve (por uma vez lírico) “que um poder superior exclamasse ‘Que seja a luz!’ para que, sem a menor contribuição de nossa parte, toda uma metade do mundo se expusesse, de certa maneira, aos

J.-B. Pontalis é professor de filosofia e membro titular da APF (Associação Psicanalítica da França). Fundou e dirigiu por vinte e cinco anos a *Nouvelle Revue de Psychanalyse*. É autor de *Entre le rêve et la douleur* (Gallimard) e de *Perder de vista* (Jorge Zahar Editor), além de ter sido co-autor do *Vocabulário de Psicanálise*. O ensaio aqui publicado faz parte da coletânea *Ce temps qui ne passe pas*, Paris, Gallimard, 1997. Tradução: Marcelo Marques, a quem *Percurso* agradece a gentileza de ter obtido do autor a permissão para publicar este artigo. Revisão: Eliana Borges Pereira Leite e Renato Mezan.

nossos olhos.” Kant, à espera daquele que, avançando na direção do obscuro e caçando *metodicamente* nas trevas, poderá inventar e traçar os caminhos que atravessam esta vasta terra estrangeira interna, tendo por modelos heróicos os grandes exploradores das *terrae incognitae* do Século de Ouro, e por companheiros ou sucessores os cartógrafos, e depois os etnólogos recenseando os povos, identifican-

Existem mesmo lembranças *recalcadas*?
O recalçamento incide sobre as lembranças?
Ou ainda, o que é uma lembrança?

do os hábitos e as regras complexas que regem seus modos de vida. Sem esquecer os missionários, já que – e isto é verdade também para a psicanálise – não é suficiente conquistar territórios, também é necessário conquistar os espíritos...

Freud acreditou inicialmente que esta terra estrangeira interna tinha por nome Memória. É a época que se pode datar como sendo a dos *Estudos sobre a histeria*, mas esta época nunca será completamente ultrapassada: a rememoração permanecerá sempre como condição do sucesso do tratamento. Caso falte o relembrar – a *remembrance*³ – dos

acontecimentos psíquicos (tanto quanto dos factuais), o passado não será diferenciado do presente, irá infiltrá-lo de ponta a ponta, e determinará o futuro: um destino, certamente funesto, ocupará o lugar de história.

A palavra de ordem é então: “Lembre-se”, o que no plano coletivo chamamos hoje de “dever de memória”. Nos *Estudos*, a injunção, cujo seu poder emana da autoridade do médico, opõe-se – para a vencer – à obrigação interna que, desde 1893, recebe o nome de “recalçamento”. As “representações obscuras”, cuja existência Kant reconhece sem poder identificar, são intencionalmente mantidas no escuro. Uma vez trazidas à luz do dia graças a uma insistência capaz de superar a resistência, uma vez liberadas de suas tumbas mal seladas, elas se animam, se convocam uma à outra, se falam e nos falam, cessam de estar imobilizadas no sintoma; os fantasmas⁴ se encarnam, a estátua petrificada se mexe; observem o andar de Zoé Bertgang, *Grädiva rediviva*. Tratamento do esquecimento e tratamento de amor andam lado a lado.

Bastaria, no entanto, favorecer a emergência das lembranças recalcadas, devido ao seu caráter penoso ou ao seu impacto traumático, para que a neurose desapareça? A resposta é *não*. Dos dois lados, o desencanto não tarda a vir. Então coloquemos a questão de modo abrupto: existem mesmo lembranças *recalcadas* propriamente ditas? O recalçamento incide sobre as lembranças? Questão que pressupõe uma outra, ainda mais abrupta: o que é uma lembrança?

A idéia que geralmente fazemos da memória é relativamente simples: identificamo-la a um estoque de lembranças, sôtão sob o telhado, porão no subsolo, escrivânia cuja chave eu guardo, dossiês classificados ou em desordem, tesouro enterrado no fundo de meu

jardim secreto, sendo indiferente o lugar onde estão depositadas. Pode ser necessário um esforço para permitir sua evocação, para *chamá-las* (elas se afastaram, mas não estão perdidas) – como se evocam sombras ou se ressuscitam estátuas funerárias, à maneira de Michelet; às vezes, à maneira de Proust, impressões táteis, gustativas, visuais, terão a função de disparador. Falar de lembranças inconscientes – e não somente de recordações pré-conscientes facilmente disponíveis – não afeta profundamente esta concepção comum da memória. Apenas acentua uma convicção a que Freud restituíra toda a força, a convicção de que o passado é conservado, que a partir de restos, resquícios, fragmentos, se pode recompô-lo. Ele é indestrutível. Aos olhos de Freud, a Roma eterna, assim como Pompéia enterrada, o atestam. E também aos nossos, nesses momentos frequentemente emocionantes de nossos tratamentos em que tal cena da infância ressurgue a partir de um nadinha, impressionante de atualidade. Ou ainda, cada noite, em nossos sonhos, que nos fazem crer que nossa alma não tem idade, e nos asseguram que a irrevocabilidade decididamente não é o que caracteriza o tempo.

No entanto, não é aí que reside aquilo em que a psicanálise modifica, perturba, o que entendemos por memória.

A mutação operada consiste no seguinte:

Primeiro, algo que, embora bem conhecido pelos psicanalistas, não deixa de chocar a íntima convicção de cada um, ou seja, que nossas lembranças, ao mesmo tempo que sentimos que nos pertencem e que nelas cremos completamente, são sempre mais ou menos deformadas, remanejadas, reconstruídas. Afirmar que, com tantas outras, inflige uma afronta a nosso narcisismo: todas as nossas lembranças – em particular as que nos

são mais caras, aquelas a que nos apegamos mais, sejam de felicidade ou de sofrimento, feridas ou maravilhas, quer mantenham nossa nostalgia ou nossa amargura, e a que tanto nos *apegamos* porque elas nos *pegam*, quer assegurem nosso sentimento de continuidade e de identidade pessoal – todas são encobridoras, são coberturas. Não que escondam outras, anteriores, como afirmamos com frequência, mas porque, em seu estatuto de

mente não é a evocação de um acontecimento considerado como marcante; não, nada além do anódino, nada que “mereça”, ao que parece, ser inscrito; o que é inscrito, o que é marcado e marcante, não é a lembrança, mas os traços, signos da ausência. A lembrança então só é conservada, só é evocada, se nela se depositaram traços. Ela é figurável – o traço não. O recalçamento incide sobre os traços, não sobre a lembrança enquanto tal.

vários “sistemas mnésicos”: Memória, *Mnemosinê*, que os gregos faziam figurar em seu panteão, é plural⁵. O que já deixava entrever a famosa metáfora dos *Estudos sobre a histeria*, a dos arquivos classificados segundo diferentes modos de organização. Mas a inflexão produzida por Freud sobre a noção de traço mnésico não se limita ao reconhecimento de várias memórias, cada uma com seu modo de funcionamento. Certamente plural, a memória – e mesmo para além do que indica Freud, já que existe também (e esta, sem dúvida, é a que mais nos atrai) a memória do que não aconteceu – não encontrou seu lugar psíquico e desenha os contornos de um vazio no nosso âmagô.

No entanto, eu situaria a contribuição freudiana decisiva ainda em outro lugar. Encontraríamos sua origem longínqua, o “traço” inicial, no *Projeto de psicologia científica*, onde se fala de “facilitação”, de vias já facilitadas sobre as quais, na linguagem que Freud utiliza naquela época, a excitação passa facilmente de um neurônio a outro sem encontrar resistência, e de vias não facilitadas, digamos caminhos não traçados. Que diferença entre a trilha dita de grande caminhada, onde se avança com passo firme e sem risco, e aquela que, sem saber onde nos levará, “traçamos”⁶ na selva inextricável para abrir uma passagem até um lugar desconhecido, não identificado...

Um traço de um passo isolado ou um odor assinalam apenas que alguém, animal ou humano, passou por ali. Eles só têm valor de indício. São precisas muitas pedrinhas para que o Pequeno Polegar possa conservar uma chance de reencontrar sua casa. É preciso, ao detetive e ao juiz instrutor, ligar entre si múltiplos indícios antes de confundir o criminoso que se aplicou a embaralhar, a apagar os traços de seu crime. O inconsciente, tal como o criminoso, o ladrão ou ainda o

A lembrança só é conservada,
evocada, se nela se depositaram traços.

Ela é figurável – o traço não.

O recalçamento incide sobre os traços, não sobre a
lembrança enquanto tal.

pequena cena, de quadro que oferece uma certa forma que permite sua evocação, ao mesmo tempo contém e dissimulam (servem de cobertura a) traços. É a estes traços, a estes detalhes sensíveis aparentemente insignificantes e na verdade super-significantes (a cor amarela da lembrança encobridora de Freud; para outros será o motivo do papel de parede de seus quartos de criança, o odor do dos pais pela manhã ou uma palavra captada no ar...) que a lembrança deve sua vivacidade.

“Olha só, que curioso, estou me lembrando de..., eu me pergunto por quê.” O que se segue efetiva-

É a assimilação das lembranças aos traços que conduz Freud a falar, a meu ver impropriamente, de lembranças inconscientes.

“Traço mnésico”, isto quer dizer o que? A expressão, que vem de uma psicologia associacionista à maneira de Théodule Ribot, pode ser entendida – e o próprio Freud a entende frequentemente assim – no sentido de um engrama, de uma pegada discreta que o objeto imprimiria sobre o aparelho inicialmente qualificado de neurônico, antes de se chamar psíquico. Mas desta definição, herdeira de uma teoria neurofisiológica, Freud se diferenciava de saída ao fazer a hipótese de

amante clandestino, não deseja de modo algum ser surpreendido em flagrante delito!

O objeto do método psicanalítico não é a lembrança deformada, mas o trabalho efetuado pela deformação; não é o traço em si mesmo, mas o *traçado*, a passagem que nunca segue uma linha reta, mas que bifurca, diverge. As vezes evita-se um obstáculo, abre-se um caminho numa outra direção ou volta-se sobre os próprios passos. Acontece-nos de sonharmos que somos pássaros migratórios, de invejarmos seus vôos rápidos e ininterruptos. Como nos parece lenta, por vezes, a migração na análise! É que o recalçamento incide sobre as conexões, e não, repetimos, sobre o acontecimento, sobre a lembrança memorada ou sobre o traço isolado, conexões de que mesmo nossas redes ferroviárias, onde coexistem trens velozes e linhas abandonadas, só nos fornecem uma imagem esmaecida.

Desta estranha capacidade de deslocamento ou de migração saiu a regra dita de livre associação, única que, de direito, autoriza o pensamento a avançar em todos os sentidos sem obedecer ao sentido – na dupla acepção do termo: significação e direção.

A injunção originária “Lembre-se” foi substituída pela prescrição “Associe”. Para dizer de outro modo: “Deixe à idéia que vem inopinadamente (*Einfall*), chegando sem barulho de algum país longínquo, selvagem talvez – deixe a este hóspede estrangeiro o cuidado de perturbar o interior de sua casa, o agenciamento bem ordenado de seus pensamentos e de sua memória, em vez de pô-lo para fora ou de recalçá-lo na fronteira.” Associar é, na verdade, dissociar as ligações instituídas, bem no lugar, para fazer aparecer outras, que são freqüentemente ligações perigosas...

Efeitos esperados de tal prescrição:

1. Aliviar o tratamento de uma busca excessivamente orientada na direção do enterrado e das origens (levantamento da amnésia). Conseqüentemente, liberar-se das analogias sedutoras entre psicanálise e arqueologia ou entre psicanálise e pré-história. Desconfiar da atração que exerce a imagem do “profundo”

transferências que facilitam a passagem de um traço a outro: um ponto fixo sem o qual o movimento seria browniano, e a fala destinada a uma errância sem fim.

Se, simplificando ao extremo, procurássemos dar uma inscrição temporal, designar um lugar à instauração do método associativo,

O objeto do método psicanalítico não é a lembrança deformada, mas o trabalho efetuado pela deformação; não é o traço em si mesmo, mas o *traçado*.

(psicologia das profundezas) ou, acrescentarei, a referência ao “arcaico”, naquilo em que este é assimilado ao geneticamente primeiro, em que o suposto mais antigo é tomado pelo mais *verdadeiro*.

2. Liberar a fala das funções que lhe são habitualmente atribuídas, ou seja, exprimir (e mesmo abreactar), informar, comunicar. Deixar a ela, uma vez soltas suas amarras, a capacidade de derivar à vontade. Condensação, deslocamento e sobredeterminação são traços que caracterizam esta fala e a aparentam ao funcionamento do inconsciente.

3. Distender o laço que faz da transferência uma herdeira da sugestão, não sendo o analista, em princípio (porque na realidade se trata de algo de bem mais complicado), mais do que um “resto diurno” permanente que permite *as*

diríamos que esta encontra sua aplicação exemplar com *A interpretação do sonho*, o grande *Traumbuch* que é também o grande livro dos signos, seguido pelo *Chiste* (1905c) e pela *Psicopatologia da vida quotidiana* (1901b), livros que, note-se, não fazem referência direta ao tratamento. A metáfora do inconsciente é então a do texto sagrado do qual nenhum signo, nenhuma pontuação pode ser deixada de lado, do qual devemos descobrir, passo a passo e caso por caso – a cada um seu idioleto e seu dicionário privado – a gramática e a sintaxe. A “instância da letra” predomina a tal ponto, que alguém pôde ser tentado a definir o próprio inconsciente como estruturado como uma linguagem. Mas a instância da letra – e isto não havia escapado a Lacan – é também, em primeiro lugar, a *lettre en*

*instance*⁷ que busca e espera, em suspenso, seu destinatário desconhecido. Transferência, ainda e sempre. O inconsciente só diz porque *quer* dizer.

Não, não é assim tão simples. Porque, se é verdade que ele quer e se abre, ele é também um essencial fechamento. E então a imagem de um cofre cuja chave se acharia no seu próprio interior, proposta um dia por Jean-Claude Lavie, talvez seja a menos ruim para figurá-lo!

estamos acordados e desperta quando dormimos?

Pode ser, mas nem por isso somos menos confrontados - e Freud também o foi, e cada vez mais, como testemunham tantos escritos seus do último período, entre outros "Análise com fim, análise sem fim" (1937c) - ao que chamo a *burrice* do inconsciente. Por este termo, entendo não uma falta de inteligência da qual esta burrice seria o antônimo, mas, pelo contrário, um

lo em sua gênese, ou alguns lacanianos que gostariam tanto de aprisioná-lo em seus matemas. Se o inconsciente é coisa em si, equivalente ao númeno kantiano, fora dos limites de nosso entendimento e de nossa intuição sensível, pelo menos podemos apreender suas *aparições*, os fenômenos, aquilo que dele emana. O inconsciente inteligente é aquele que emite signos que de direito, senão de fato, podemos entender, ler, interpretar: uma língua estrangeira, certamente, mas uma língua, e toda língua é traduzível; uma sucessão de charadas⁸ que, com um pouco de paciência e um nada de engenhosidade, conseguiremos decifrar; uma terra desconhecida, sim, mas da qual, providos dos instrumentos adequados, acabaremos por estabelecer, como agrimensores cada vez mais precisos, os levantamentos topográficos.

A insondável burrice do inconsciente é aquilo que impede a inteligibilidade. A estranheza já não é então apenas a de uma língua ou de uma terra. Vai mesmo além da *Unheimlichkeit*, desta perturbação que se apodera de nós e que Freud conheceu, parece, não quando estava sentado em sua poltrona da Berggasse, fumando calmamente seu charuto, mas quando passeava por distração(!) por alguma rua romana de má fama, perturbação que pode produzir até um sentimento de despersonalização temporária. Nenhum recurso é possível, então, ao saber adquirido, à experiência acumulada ao longo dos anos. Nem apoio sobre o "trabalho" realizado anteriormente ao longo da análise. Eis-nos aqui frente a uma exigência sem medida, insaciável, que reclama o que lhe é devido, obstinadamente: a exigência dolorosa do apaixonado despótico querendo a posse exclusiva do objeto amado, a do animal predador recusando-se a largar a presa, a da criança que, agarrada a seu sofrimento por não ser mais Sua Majestade imagi-

O inconsciente inteligente

é aquele que emite signos que podemos entender, ler, interpretar. A insondável burrice do inconsciente é aquilo que impede a inteligibilidade.

Para abrir o jogo, eu diria que Freud, e depois dele cada um de nós, primeiro se vê surpreso, desconcertado, às vezes maravilhado, pela *inteligência* inaudita do inconsciente, trabalhador infatigável, fino estrategista e jogador impenitente, tanto por suas astúcias e sua malícia (o *Witz*) quanto por suas produções, que freqüentemente possuem brilho suficiente para que, precipitadamente, as assimilamos a obras de arte. Às vezes ocorre, depois de uma noite povoada de sonhos que nos transportaram para além de nossas paredes, que nos sintamos bem pobres, reduzidos a quase nada. Será que nosso pensamento está adormecido quando

exagero, um excesso. De que? Esta é a nossa questão, que não desejo abordar frontalmente. Certos desvios, certas passagens, são necessários também aqui.

O inconsciente inteligente é também o inconsciente inteligível, aquele pressentido por Kant, aquele de que Freud descobriu não a existência - trata-se de uma velha história que se estende por séculos, bastando-nos pensar no *Daimôn* grego, no teatro elisabetano, em Dostoiévski e em tantos outros - mas a lógica. O inconsciente é incognoscível. O que esquecem alguns kleinianos que imaginam estar no mesmo nível que ele, assistir a seu nascimento e acompanhá-

nariamente onipotente, preferiria raivosamente destruir tudo a ser destituída das suas posses. Na frase de Pascal: “Quem se acha infeliz por não ser rei, a não ser um rei destituído?”

Winnicott, tão atento ao detectar o que denomina a “colusão” entre o analista e seu paciente - o paciente segue as regras do jogo, do *game* analítico, e o analista segue o jogo do paciente que consiste, são as palavras de Winnicott, em “reverter a mais tarde a questão capital” - conheceu algo análogo ao que evoco aqui, mas num outro registro e propondo uma outra hipótese, a do medo do desmoronamento. Como sempre, ele não escamoteia a questão. Cito-o: “A dupla analisante está contente com o que faz: não paramos de fazer juntos um bom trabalho, um trabalho inteligente; nos sentíamos bem por causa da colusão. E eis que cada dito progresso termina na destruição. O paciente o interrompe e diz: E aí?”⁹

E aí? E aí quem? E aí o que?

De um lado, o enigma (o inconsciente inteligente). Do outro, o mistério.

Um enigma, seja o que a Esfinge de Tebas coloca sob forma de charada ou o que se desenha no sorriso da Mona Lisa, é portador de um sentido oculto. Ele pede uma solução. Provoca a inteligência, em vez de bloqueá-la: uma forma particular de inteligência que os aficionados de palavras cruzadas conhecem bem. Pode-se demorar a achar a resposta ou responder pela tangente, mas não deixa de haver uma resposta.

O mistério - que podemos, creio, não restringir à sua acepção estritamente religiosa - é de natureza completamente diferente. Ao mesmo tempo vela e revela o que a filosofia designa como o Ser. Seu eventual desvelamento (*alétheia*) não passa, como no caso do enigma, pela interpretação.

Veja-se *A tempestade* de

Giorgione. De onde vem que as análises mais sábias, as exegeses mais exaustivas deixem intacto o mistério da obra, que é talvez o mistério da própria pintura, ou seja, *apresentar* - e não *representar* - o invisível? Os inumeráveis comentadores, animados por uma insaciável curiosidade e prontos (exatamente como nós) a denunciar as interpretações insuficientes ou errô-

As análises e as
exegeses mais exaustivas
devem deixar intacto o
mistério de uma obra,
que é o de
apresentar - e não *representar* - o invisível.

neas de seus predecessores¹⁰, podem muito bem nos dizer aquilo que representa a cena, identificar seus personagens - o homem em pé com seu bastão, a mulher sentada, amamentando - o que significam o riacho que os separa e o relâmpago que brilha no céu sombrio acima da cidade, ensinar-nos o que provém de tal mito, chamar nossa atenção para um detalhe - a garça pousada sobre um telhado, por exemplo - em suma, proceder como faríamos se nos acontecesse ainda analisar um sonho. Mas, no final das contas, o que emana do quadro, o efeito que produz sobre nós sua *contemplação* (e não digo um olhar in-

vestigador), permanece fora de qualquer captação. A resolução dos enigmas não dissipa o mistério. Mistério que, se fosse preciso nomeá-lo, se chamaria presença¹¹: uma presença muda bastante intensa para reduzir toda linguagem ao palavrório, *Words, words ...* nada além de palavras, mentirosas, ou pior ainda: falaciosas¹².

Mesmos limites, mesmo fracasso relativo frente à poesia, que, no entanto não faz mais do que reunir, reúne palavras. Muito recentemente, Paul Bénichou, como que para aceitar um desafio, dedicou-se a Mallarmé, o autor, lembremo-nos, do *Mystère dans les Lettres*, tido como o poeta hermético por excelência. Empreendimento corajoso que consiste em não permanecer mudo diante daquele que havia deliberadamente optado pela obscuridade e pela alusão, e em submeter “Mallarmé, inimigo evidente que era de toda explicação” (a fórmula é de Valéry), ao exercício, precisamente, da “explicação de texto”, praticada aqui tão rigorosamente quanto possível sobre uns trinta sonetos¹³. Muito bem, Bénichou, tão grande professor quanto aficionado de poemas, ao tomar o partido de considerar os sonetos como enigmas a decifrar - e ao efetivamente decifrá-los, traduzindo-os inevitavelmente nas “palavras da tribo” - nem por isso nos deixa menos desarmados diante daquilo que Mallarmé chamava de “os supremos mistérios” das palavras que, somente eles, conferem à poesia sua potência de *charme* ou de magia.

Mistério. Atenção! Freud, o ateu que só reconhece um deus, *Logos*, Freud, o explorador que se mostra tão preocupado com que sua jovem ciência não seja confundida com uma glorificação qualquer do irracional, nos põe em guarda contra o respeito excessivo, contra a fascinação que correria o risco de nos inspirar o “misterioso inconsciente”: o sonho, nos diz ele, é, no fim das

contas, apenas “um pensamento como qualquer outro”¹⁴. A advertência se destina tanto a Jung quanto à tradição romântica alemã, frente à qual sempre manteve distância. Não há autor menos tentado pelo onirismo, pela face noturna de nossa existência, pela celebração do fantástico, do que ele. Freud não é um visionário. *Traum* vai de par

perscrutados como por um microscópio. A análise é microscópica, o inconsciente freudiano se escreve primeiro em letras minúsculas... O aparelho psíquico, qualificado de “ficção” – não estamos mais na ordem dos fenômenos – é desmontado peça por peça, como uma máquina, e temos então a tópica das instâncias, esta lição de anatomia da

ça, que são as “representações obscuras” que *comandam* as representações conscientes, e sua obscuridade vem daquilo que elas têm a ver, sempre, de perto ou de longe, mais freqüentemente de longe, com a sexualidade e com a morte.

A pulsão, este conceito-limite, seria o equivalente da coisa em si da qual só apreendemos as manifestações? O fato é que a pulsão, “ser mítico”, não deita em nossos divãs, e lidamos apenas com seus representantes, seus delegados, quer se trate de representações ou de afetos.

Após Kant: Schopenhauer e depois Nietzsche.

Em relação ao primeiro, Freud reconhece sua dívida, excessivamente a nosso ver, fazendo dele seu “precursor”. No que se refere a Nietzsche, afirma ter se “recusado a lê-lo, por medo de nele se reconhecer em demasia”. É preciso acreditar nele? Não havia anteriormente confiado ao amigo Fliess: “Acabo de pegar Nietzsche, onde encontrarei, espero, palavras para muitas coisas que permanecem mudas em mim.”¹⁶

Palavras para as coisas mudas, para aquelas que não falam, que não emitem signos.

O autor de *O mundo como vontade e representação* toma o partido da vontade contra a representação¹⁷. O que Schopenhauer entende por vontade é, segundo os termos de Corinne Énaudeau, “uma energia cega e surda, sem causa nem alvo nem limites, e cuja pressão faz o movimento de cada um.” Nesta pressão, neste *Drang*, reconhecemos um dos componentes do *Trieb* freudiano. Mas como Freud a define? Como uma força que submete o aparelho psíquico a uma “exigência de trabalho”. Sublinhemos a “exigência de trabalho”: o aparelho da alma ignora a quietude. É que ele é permanentemente atacado pelas excitações, afetado por elas, e as trata de mil maneiras,

Do processo primário podemos descrever seu funcionamento, mas do inconsciente enquanto tal não sabemos nada – a necessidade de postular sua existência só tem igual na impossibilidade de conhecê-lo.

com *Deutung*; na imaginação, *die Phantasie*, que anima a *Dichtung*, a criação literária, ele destaca a fantasia e o romance familiar; nos contos e mitos, mesmo nas religiões, não tem dificuldade em descobrir a expressão de desejos infantis, freqüentemente bem simples (ser protegido pelo pai, por exemplo). É preciso, afinal, protestar tanto contra a crítica de “reducionismo” dirigida à psicanálise? Tantos de nossos sonhos “de cima” se revelam ser sonhos “de baixo”...¹⁵

Não há nada de misterioso nisso: é porque a investigação de Freud – esta herdeira do grande pesquisador que foi o pequeno Hans, mestre de todos nós – privilegiou primeiro as produções, os derivados do inconsciente. Eles podem ser

alma. Do trabalho do sonho, conhecemos as modalidades, mas a seu umbigo não temos acesso. Do processo primário, podemos descrever o funcionamento, mas do inconsciente enquanto tal não sabemos nada. Sobre este ponto Freud é taxativo: “Todo nosso saber está sempre ligado à consciência. Só podemos conhecer o inconsciente tornando-o consciente.” A necessidade de postular sua existência só tem igual na impossibilidade de conhecê-lo. A distinção kantiana entre a coisa em si e o campo fenomenal estaria no princípio da psicanálise? Seu domínio de aplicação seria o das representações, daquilo que se põe diante do espírito (*Vorstellung*)? Freud com Kant, mas com esta diferença, que é toda a diferen-

da descarga imediata à sublimação. Já Schopenhauer identifica nossa alma à vontade inconsciente; o que equivale a afirmar que não somos separados da coisa em si. Podemos medir a distância entre as duas formulações. A de Schopenhauer não anuncia a de Groddeck, cujo *isso*, é verdade, é mais caprichoso, mais galhofeiro, menos romântico? Um bom diabinho, em suma, mais do que um Deus-Natureza.

Aonde nos leva este desvio, se não a tentarmos pensar juntos – e isto não é uma questão apenas formal, a pergunta se coloca em cada tratamento – o inconsciente no sentido tópico (lugar psíquico separa-

cia, nos comanda? De que se alimenta nossa servidão que, mesmo quando a suportamos, La Boétie ousou qualificar de voluntária?

“Os grandes escritores trágicos são como os físicos nucleares: buscam ansiosamente o núcleo. É a necessidade daquilo que, na falta de qualquer palavra profana, chamaremos de *ISSO*, *ISSO* em letras maiúsculas, que os devorava, que não os deixava em paz. Espantoso, este *ISSO*!”

Isto não é de Freud, nem de Groddeck. É de Paul Claudel, que jamais, eu seria capaz de jurar, quis ou ousou ler uma linha de Freud. Foi Claudel que escreveu *isso*¹⁸.

ciente se escreve em letras minúsculas. Seja, mas *ISSO* se escreve em letras maiúsculas. Mas será que ele pode se escrever, se ignora qualquer sintaxe? E podemos ainda falar de letras ou de significantes, quando isso age, quando o inconsciente é *em ato*, e não pode mais ser encarado como um sistema? De representações, sim, desde que não se ceda à tentação biologizante que reduz a pulsão a um ser orgânico. Mas de que natureza são estas representações? Que estatuto lhes conferir, se o analista não consente em baixar os braços e reconhecer sua impotência?

Dizemos “isso” quando não sabemos mais nomear. E Freud diz o *isso* para tentar inseri-lo numa tópica, ainda que ele próprio o qualifique de “marmita”, e até de “caos”, e lhe negue qualquer organização, em suma, que o considere *a*-tópico.

A *isso*, que “não deixa em paz”, não podemos dar nem forma nem figura. As palavras que nos vêm para designá-lo são afetadas por um prefixo negativo: *inominável*, *infigurável*, *informe*-palavras que exprimem a potência negativa do inconsciente.

Mas meu propósito não é desenvolver, de um ponto de vista puramente teórico, ao mesmo tempo o que há de análogo entre o inconsciente da primeira tópica e o *isso* da segunda, e aquilo em que diferem, profundamente a meu ver, o “sistema” e a “marmita”. Este trabalho foi realizado por mais de um autor.²⁰ Minha questão, de ordem clínica, é de outra natureza: no que, em nossos tratamentos, reconhecemos que estamos lidando com *isso*? Como percebemos, pois se trata mais de percepções, de *impressões* freqüentemente confusas, do que de signos objetiváveis, e estas impressões são certamente diferentes para cada analista, o que nos faz sentir, pensar – lembremo-nos do “E daí?” de Winnicott e de sua “questão capital” – que, contraditoriamente, a

A

isso,

que “não deixa em paz”,

não podemos dar forma nem figura.

As palavras para designá-lo são afetadas por um prefixo

negativo: *inominável*, *infigurável*,

informe-palavras que exprimem a potência

negativa do inconsciente.

do, com seus conteúdos e seus mecanismos específicos) e o inconsciente no sentido dinâmico (sua força vindo do *Trieb*, da “energia pulsional”)? “A grande e principal atividade é inconsciente”, havia já reconhecido Nietzsche. Mas qual é o motor desta atividade? De que energia se trata? Ou seja, em termos mais explícitos, onde situar a *eficácia*? O que é que, em última instân-

Muito bem, a análise, no final das contas, é também *isso*, este tempo no qual os dois protagonistas se defrontam com o núcleo, e *isso* dói. “É evidente que Jung nunca quis (nem pôde) se deixar *demolir* por um paciente. Logo, ele nunca analisou.”¹⁹ Desta vez é Ferenczi, proponho, entretanto, a se confundir com uma mãe salvadora.

Eu dizia mais acima : o incons-

análise “não anda mais”, e que estamos confrontados ao “núcleo” (para retomar, desta vez, o termo de Claudel)?

sa, insensata, do *negativo*, neste agarramento à nossa dor. Imobilidade querida, reivindicada com obstinação. Fora de jogo, daqui por

deriam ser detectadas. Mas também aí, que mudança! Durante muito tempo objeto de idealização e de denegrimto (segundo a alternância bem conhecida), durante muito tempo acusado de indiferença ou de incompreensão e mesmo, durante todo um período, de sadismo e de crueldade (“Veja o que você faz de mim, ao que você me reduz”), o analista hostil, rejeitante, perseguidor, veio a tomar traços que tornavam possível uma confiança nele, na análise, e, em conseqüência, Jeanne pôde adquirir um pouco de confiança nela mesma. Ainda que advogada de profissão, teve dificuldade em renunciar ao papel de promotora implacável na denúncia cheia de ódio de seus pais, do analista – ódio, apesar de aparentemente frio, aqueceria mais o coração do que o amor? – antes de se voltar, ainda mais ferozmente, contra ela mesma.

Passo a passo, Jeanne descobriu que assegurando pelos mais diversos procedimentos o distanciamento em relação ao seu analista, fazendo dele um objeto radicalmente outro (um outro mundo, um outro planeta, uma outra língua), obstinando-se a dizer somente “não” – só se sentia existir enquanto agente da recusa – evitava qualquer partilha de um prazer para ela carregado de erotismo, portador de excitações incontroláveis, enlouquecedoras, ruinosas. “O movimento do amor, levado ao extremo, é um movimento de morte”²¹, escreve Georges Bataille. Até onde pode levar a irresistível pressão de excitação, se não encontra o que a acalme?

Não avançarei mais na evocação desta longa análise. Aliás, podemos evocar, e mais ainda *contar*, alguma análise? A breve alusão que acabo de fazer à análise de Jeanne visa somente o seguinte: por que, apesar dos resultados obtidos, do trabalho realizado, estamos convencidos, um e outro, de que não é *isso*? Mito de uma análise “completa”,

Como reconhecemos
que estamos lidando com *isso*?
Pois se trata mais de percepções,
de *impressões*, do que de signos objetiváveis.

Claro, somos tentados então a invocar a compulsão de repetição, muito freqüentemente confundida, diga-se de passagem, com a ruminação de tipo obsessivo ou com a persistência lancinante do sintoma. Enquanto a repetição, no sentido freudiano, é uma das formas que toma o inconsciente, *em ato*. Ou, ainda, invocamos o que Freud denominou “reação terapêutica negativa”. Negativa porque ele se resignava mal à burrice do inconsciente, ele que se empenhou durante todo o tempo, a razão modificando-se em paixão, em torná-lo inteligível, garantindo assim um futuro para sua ciência. O “não” é mais aceitável se atribuído à censura, ao recalçamento, ao julgamento (o “Não, não é minha mãe” da *Verneinung*), em suma, se colocado do lado da consciência ou de um eu enamorado por sua unidade ameaçada, em vez de ser reconhecido como funcionando no próprio inconsciente, nesta, se assim posso dizer, *afirmação* inten-

dante, a injunção “Lembre-se”; fora de época o convite “Associe.” Recusa obstinada de mudar.

Jeanne, contudo, após anos de análise, mudou, mudou muito. Todos os motivos que a conduziram a empreender sua análise já não perduram, as proibições que se impunha foram superadas uma a uma. Recusava qualquer relação estável, se ligou progressivamente ao homem com quem vive. Acreditava-se incapaz de ser mãe, teve filhos. Convencida de que lhes transmitiria, como um vírus, suas angústias de todos os tipos, ela descobre que não é nada disso. Não tinha acesso à leitura, à arte, ao saber. E eis que tornou-se uma fervorosa adepta dos livros e dos museus. Objetar-me-ão que estas modificações dependem da vida exterior, e é de bom tom, em nossos círculos, minimizar e até denegar o alcance destas. Apenas as mudanças intrapsíquicas mereceriam ser levadas em conta, e é na evolução da transferência que po-

Não são as representações que faltam em momentos de desamparo extremo, de imobilidade psíquica de analista e paciente. Mas elas não se deslocam, vêm misturadas, confusas, apenas diferenciadas em registros sensoriais.

como o exigia Ferenczi em seu ran-cor contra Freud? Não creio.

Fala-se muito atualmente, em nossas democracias, de crise, de déficit da representação política. Nossos representantes, nossos delegados, nossos substitutos (todos termos freudianos), teriam tendência a somente representarem a si mesmos. Morta a grande ilusão do povo como único soberano. Muito bem, passa-se algo de equivalente quando o paciente (isto é particularmente sensível nos casos de segundas análises, sobretudo quando dizem respeito a colegas experimentados na disciplina analítica) mede a distância entre o que já explorou em todos os sentidos – sua memória, sua história, seus sonhos, sua vida fantasmática – e o que? Ousemos a palavra: seu ser. Ele não é o que é suposto representá-lo. E de seu analista espera, exige, outra coisa. Que este não seja somente seu intérprete ou objeto de transferência, que não pague somente com a moeda das palavras, mas que pague com sua própria pessoa.

Uma “libra de carne”, exige Shylock. *A pound of flesh*: nada de discursos. Exigência que eu ligaria a esta outra declaração inapelável: *Here I stand for the law*, “Aqui eu

sou a lei”, encarno a lei.

Cada vez que Jeanne se aproxima do que é para ela “questão capital” – que, numa fórmula redutora, eu poderia enunciar assim: “Como eu pude sair, como posso ser para sempre produto de mãe fechada ao mundo, com o corpo deformado, que encontrava seu gozo na absorção de drogas, e deste pai distante, desdenhoso, mergulhado em seus dossiês?” – cada vez ela pontua sua fala com esta interpelação que me é endereçada: “Será que você se dá conta?” Ela me pede para ver o que ela vê, para sentir o que sente, pede-me para ocupar *seu* lugar, o da menininha, testemunho, resto, dejeção mesmo, vítima do mistério desta união sem sentido, e, simultaneamente, me confina em lugares que não poderiam ser o seu: alternadamente, o de uma mãe que encontra seu prazer em outro canto, que está ocupada por algum objeto interno desconhecido para si mesma, ou o de um pai, pois ela quer me imaginar gostando apenas da companhia dos livros ou de “grandes intelectuais”. Não são as representações que faltam nestes momentos de desamparo extremo, nestas fases de imobilidade psíquica que o analista experimenta tan-

to quanto o paciente, pois neste momento estão no mesmo barco. Mas elas não se deslocam mais, permanecem no mesmo lugar, e vêm misturadas, confusas, apenas diferenciadas, pertencendo a diversos registros sensoriais (vista, ouvido, olfato), como estão misturadas para Jeanne as manchas suspeitas entrevistas no lençol da cama dos pais, o odor de suor, os baldes de toalete da casinha da infância nas Cévennes, o mijó, a merda, o rosto inchado, avermelhado da mãe, os traços finos do irmãozinho que não fala. Tudo se mistura, os elementos mais heterogêneos, mais inconciliáveis, entram em coalescência, gravitando como elétrons em torno de um núcleo que tiraria seu poder de seu vazio interno, ao mesmo tempo que se confundem as frágeis fronteiras entre o fora e o dentro.

O que me choca ainda mais nesta mulher, invejosa da franca loucura que lhe tornaria menos insuportável sua “loucura privada”²² e instituiria entre nós uma distância como a que conhece o psiquiatra frente ao “doente mental”, o que me retém, é a aparência quase alucinatória das imagens que dela se apoderam, das sensações que a assaltam ao longo de tais sessões. E a idéia meio “louca” que me vem é que, no “Será que você se dá conta?”, o que ela espera de mim, mesmo sabendo ser isto impossível, é que eu “alucine” com ela, como ela. Não esqueçamos: se o sonho é um trabalho, um traçado do desejo, o que ele visa é a realização, o preenchimento (*Erfüllung*). O trajeto visa à posse, não do objeto, sempre contingente, aleatório, mas da coisa em si. Mais mesmo do que possuí-la: ser um com ela, com risco de nela se dissolver. Daí este duplo movimento, tão perceptível em Jeanne, de atração e repulsa diante do aniquilamento. A este mito da alucinação primordial, a esta busca do que Freud denomina a “identi-

NOTAS

1. Esta citação, assim como as duas seguintes, são tiradas da *Antropologia de um ponto de vista pragmático* (1798). Provém do excelente *Kant-Lexikon* estabelecido por Rudolf Eisler, tradução francesa pela Gallimard, 1994. (N. do T.: Trata-se de uma passagem da Primeira Parte, I, 5.)
2. *Éclairreur*: aquele que esclarece, que ilumina, mas também o explorador ou o batedor no sentido militar. Optamos pelo “esclarecedor” para não comprometer o termo alemão. O jogo de palavras com as duas acepções é intraduzível. (N. do T.)
3. Sinônimo arcaico de lembrança, recordação (N. do T.)
4. *Fantômes*: fantasmas no sentido da aparição sobrenatural dos mortos, e não de *fantasia* (*fantasme*). (N. do T.)
5. Cf. sobretudo, no nº 15 da *Nouvelle revue de psychanalyse*, intitulado *Mémoires*, o artigo de François Gantheret, “Trois mémoires”. (N. do T.: Tradução brasileira por M. Marques e H. Uhry, *Teoria da Prática Psicanalítica*, nº 1, Rio de Janeiro, Campus, 1982.)
6. *Fruyer*, “facilitar” na linguagem da fisiologia, é também abrir, traçar um caminho, uma trilha. (N. do T.)
7. Aqui há um trocadilho intraduzível com o termo *lettre*, que significa tanto letra quanto carta. *Lettre en instance* é a carta que aguarda ser entregue ao seu destinatário, como na posta-restante (Nota do revisor).
8. *Rébus*, adivinhação que recorre a imagens que devem ser traduzidas em palavras; o elemento visual é portanto determinante, como Freud menciona a respeito dos sonhos; traduzimos por “charada” por ser um termo mais usual (N. do T.)
9. D. W. Winnicott, “La crainte de l’effondrement” (“Fear of Breakdown”), *N.R.P.*, nº 11.
10. Cf. Salvatore Settis, *L’invention d’un tableau*, Paris, Minuit, 1987.
11. “O mistério: aquilo que é necessário para que exista algo de real” (Magritte, carta a André Bosmans, Seghers, 1990). Devo esta citação a Max Dorra.
12. Cf. a definição de Littré: “*Falacioso* se expande na direção da idéia de *enganador*. Uma linguagem enganadora nos desorienta e nos apresenta as coisas de outra maneira, diferentes do que são; uma linguagem falaciosa nos *engana para nos prejudicar* com premeditação”. Meus itálicos são para sublinhar como às palavras, sobretudo as do analista, pode ser atribuída uma intenção persecutória.
13. Paul Bénichou, *Selon Mallarmé*, Paris, Gallimard, 1995.
14. S. Freud, “Remarques sur la théorie et la pratique de l’interprétation du rêve” (1923c); in OCF-P, XVI; SE, XIX; GW, XIII.
15. Cf. a distinção feita por Freud em “Observações sobre a teoria e a prática da interpretação do sonho” (1923c); GW, XIII, p. 303; SE, XIX, p.110; OCF-P, XVI, p.169 (N. do T.)
16. Carta a Fliess de 1.2.1900, in *La naissance de la psychanalyse*, 1956 (tradução brasileira, *A Correspondência Completa de S. Freud e W. Fliess*, Rio de Janeiro, Imago, 1995, p. 399).
17. Cf. o artigo de C. Énaudeau, “Le psychique en soi”, *L’inconscient mis à l’épreuve*, nº 48 da N.R.P., ao qual devo uma grande parte do que proponho aqui.
18. P. Claudel, “Conversation sur Jean Racine” (1955), in *Oeuvres en prose*, Pléiade, p. 456.
19. Sublinho *demolir*. Carta de Ferenczi a Freud, 25-10-1912, in *Correspondance Freud-Ferenczi*, Calmann-Lévy, 1992.
20. Muito particularmente por Jean Laplanche, cujo rigor é conhecido, no volume IV das *Problématiques intitulado precisamente L’inconscient et le ça*, PUF, 1982. Tradução brasileira, *O inconsciente e o id*, São Paulo, Martins Fontes, 1992 (N. do T.)
21. *L’Érotisme*, Paris, Minuit, 1957. Reeditado in *Oeuvres Complètes*, Paris, Gallimard, 1987 (N. do T.)
22. A expressão é de André Green, que a utilizou como título de um de seus livros, Gallimard, 1990.

Issso, em letras maiúsculas, está em nós.

Isso nos dói, nos devora tanto quanto anima.

Tudo que conhecemos de intenso emana disso.

dade de percepção”, da qual “identidade de pensamento” é sempre um substituto, não renunciamos jamais completamente. Tanto mais que, se o fizéssemos, seríamos privados de sonhos e de pensamento. As letras em minúsculas – em “caixa baixa” dizem os impressores – não se escreveriam sem ISSO em letras maiúsculas, que exige não ser “quebrado”, obrigando-as a se inscreverem, indefinidamente, e, melhor ainda, a que se inventem outras letras.

Vê-se que não seguimos Schopenhauer, que substantifica sua “vontade inconsciente” à custa das representações. Também nos afastamos de um certo Freud, daquele que, diante das “resistências do isso” ou face ao “rochedo biológico”, tem tendência a deportar o pulsional, o “demoníaco”, para fora do campo da análise.

Entretanto *isso*, em letras maiúsculas, está certamente em nós. Isso nos dói, isso nos devora tanto quanto nos anima. Tudo o que conhecemos de intenso – a intensidade apaga toda distinção entre o quantitativo e o qualitativo – emana disso.

Qual poderia ser o herói epônimo da psicanálise? Aquele que, príncipe da *Métis* e mestre do

duplo sentido, soube, para escapar ao olho único, denominar-se “Ninguém” – genial precursor do *Witz*? Ou então aquele que teve o fígado devorado e que trouxe o fogo para os homens? Ulisses ou Prometeu?

Sem dúvida, um e outro. Pois a inteligência de Ulisses, sua malícia, suas astúcias e seus desvios, sua incansável curiosidade que o leva sempre para outro lugar, sua arte inigualável no manejo das palavras, sua prudência também, entre outras, frente à sedução encantadora das sereias (às vezes é preciso saber fechar os ouvidos...), todas essas qualidades - que podemos desejar que sejam as de um analista - perdem a eficácia quando se impõe a confrontação com isso, com o inconsciente que, tomando corpo e tomando o corpo, ganha em intensidade e em mistério aquilo que perde em capacidade de invenção e de produção de enigmas, e que, deixando de ser inteligente, deixa de ser inteligível. É então necessário colocarmos, sob as palavras, nosso ser à prova do desconhecido, com o risco de sermos, pelo menos por um tempo, “demolidos”, como dizia Ferenczi, que sabia do que estava falando.

Deve ser isso o preço a pagar à “burrice” do inconsciente.